



AMOR  
SEGUNDO  
BUENOS  
AIRES

FERNANDO SCHELLER



O AMOR  
SEGUNDO  
BUENOS  
AIRES  
FERNANDO SCHELLER



**Se você já amou demais  
Brigou e perdoou  
E conseguiu esquecer um grande amor  
Mas ainda se lembra dele quando ouve aquela música  
(E é uma lembrança doce)  
Se de vez em quando se permite mais do que o necessário  
Se não resiste a um chocolate  
Se já encontrou Jesus  
Ou o deus das pequenas coisas  
Se já se revoltou e renegou o divino  
Só para se arrepender no momento seguinte  
Se acredita que todo amor vale a pena  
Que todos têm o direito de amar  
Que cada um é de alguma forma especial  
E percebe detalhes bonitos  
Mesmo em um mundo que pode ser muito feio  
Se acredita que as pessoas são iminentemente boas  
Se teve a coragem de se desculpar com um beijo  
Ou de se abrir ao poder de um abraço  
E já sentiu tanto amor que teve vontade de chorar  
Se pensou sobre todas essas coisas  
Em muitas delas, em algumas delas ou mesmo em uma só delas  
Este livro é pra você  
Ele foi feito com amor e é sobre todas as formas de amor**



LEONOR, SEGUNDO HUGO	1	»	P. 7
HUGO, SEGUNDO CAROLINA	2	»	P. 21
HUGO, SEGUNDO EDUARDO	3	»	P. 39
PEDRO, SEGUNDO HUGO	4	»	P. 57
DANIEL, SEGUNDO EDUARDO	5	»	P. 73
EDUARDO, SEGUNDO HUGO	6	»	P. 89
MARTÍN, SEGUNDO CAROLINA	7	»	P. 105
HUGO, SEGUNDO PEDRO	8	»	P. 123
MARTA, SEGUNDO HUGO	9	»	P. 139
CHARLOTTE, SEGUNDO PEDRO	10	»	P. 155
ERNESTO, SEGUNDO HUGO	11	»	P. 171
CAROLINA, SEGUNDO MARTÍN	12	»	P. 183
EDUARDO, SEGUNDO DANIEL	13	»	P. 199
HUGO, SEGUNDO LEONOR	14	»	P. 215
IVAN, SEGUNDO EDUARDO	15	»	P. 231
MAR, SEGUNDO HUGO	16	»	P. 247
O AMOR, SEGUNDO BUENOS AIRES	17	»	P. 265
AGRADECIMIENTOS		»	P. 285



ADOLFO ALSINA »

AV. PRES. JULIO A. ROCA

« MORENO

BALCARCE

AV. BELGRANO »

AV. PASSEO COLÓN

« VENEZUELA

MEXICO »

CHILE »

BERNARDO DE IRIGOYEN

AV. 9 DE JULIO

TACUARI »

« AV. INDEPENDENCIA

CHACABUQUE

« PERU

BOLIVAR »

« DEFENSA

ESTADOS UNIDOS »

BALCARCE

« CARLOS CALVO

FERIA DE SAN TELMO

« HUMBERTO I

AV. SAN JUAN »

AV. 25 DE MAYO

« COCHABAMBA

« AV. JUAN DE GARAY

AV. BRASIL »



LEONOR,  
SEGUNDO  
HUGO

ORQUESTRA EL AFRONTE  
EM FRENTE À IGREJA  
NOSSA SENHORA DE BELÉM  
HUMBERTO I, 340

» 1



# LEONOR

está dormindo e eu não consigo parar de olhar para ela. Como sempre, dorme gentilmente, o ar entrando e saindo de suas narinas, estufando o peito em movimentos suaves e cadenciados. Leves gemidos de vez em quando. Onde começa o amor? Quando comecei a amá-la, não sei. Ou melhor, sei. Foi no primeiro dia. Agora, enquanto a estudo em detalhes, acho que Leonor é a mulher mais linda que vi na vida. No entanto, ao olhá-la de longe, andando em direção a mim, não foi exatamente esse o sentimento que tive: lembro-me de pensar que ela era um tanto estranha, angulosa, alta demais. Nós nos encontramos em um café, em um sábado, depois de muita insistência de amigos que não podiam entender como é que nós dois, com tantas conexões, nunca havíamos nos visto pessoalmente. Ela chegou atrasada, mais de meia hora, mas ligou antes para avisar que havia tido um imprevisto. Ponto positivo. Fiquei ali naquela mesinha na calçada, vendo as pessoas passarem, sem saber o que fazer nem o que esperar. Tomei dois cafés, sabendo que a insônia com certeza me rondaria aquela noite. Devorei uma cestinha de pães. Impaciente, cruzei os braços atrás da nuca e olhei para o início da rua. Será que era ela?

Era. A primeira impressão, repito, não foi de arrebatamento. Se essa sensação tivesse durado mais tempo, tudo teria sido mais fácil. Mas assim que senti aquele leve toque de seus dedos na manga da camisa xadrez que eu usava para ter certeza de que ela me reconhe-

ceria, seguido de um “desculpe te fazer esperar” meio tímido, tudo mudou. E, três anos depois, estou aqui nesta cidade estrangeira, para onde a segui, e só o que penso é em decifrar esse rosto que não consigo deixar de adorar. Afinal, o que se passa na cabeça dela? O que se passa na cabeça de Leonor? Quando me disseram que eu tinha que conhecer “a Leonor” — toda vez que alguém citava o nome dela parecia que havia uma pausa para preparar o interlocutor —, eu imaginei uma senhora de sessenta e quatro anos. Quem usa o nome Leonor hoje em dia? Contudo, vinte e seis anos atrás, nascia Leonor, fruto de mãe brasileira e pai argentino, o que explica o fato de atualmente morarmos em Buenos Aires. Um belo dia, seis meses depois de me conhecer, Leonor anunciou com um sorriso nos lábios que voltaria para suas origens, se aproximaria do pai, com quem não se encontrava havia anos. A última vez que se falaram ao telefone, ela me contou, sentiu que era a coisa certa a fazer. Não me convidou para ir junto. Eu disse que ia. Que, se pensasse demais, nunca sairia do lugar. Respondi ainda que os planos dela agora eram meus. Eu daria um jeito na universidade. Quem sabe poderia dar aulas por lá, achava que sim. A ideia de deixá-la partir sozinha não me ocorreu, era impensável. Ela não se manifestou em contrário. Apenas sorriu.

E estou aqui, nesta manhã fria e sonolenta de domingo, olhando-a dormir. Não é a primeira vez que faço isso e me sinto sufocado, como se não fosse mais possível ignorar uma verdade. Tenho de perder o medo e admitir: ela não me ama. Eu já me disse isso mentalmente milhares de vezes, mas não consigo reunir forças para ir embora. Não arrumei as malas, não fiz planos para acabar com tudo. Ela se move na cama, não vai demorar muito para acordar. Como é possível ter certeza de que alguém não ama você? Ela não me falou nada diretamente, na verdade, só diz o necessário. É uma questão de encarar os fatos. Com Leonor, as respostas estão nas pequenas coisas, nos gestos discretos de afeto que não podem ser expressos em palavras. Ou, para ser mais exato, na falta deles. Puxando pela memória, não consigo encontrar motivo algum para ficar: um presentinho bobo, o sanduíche para levar ao trabalho cortado na diagonal, aquela peça

qualquer de brechó que alguém comprou porque se emocionou ao se lembrar de você ou a garrafa de seu vinho preferido na mesa em uma noite fria de inverno.

Leonor nunca fez nada disso, apesar de todos os meus sinais, das indiretas e súplicas silenciosas. Nenhuma reciprocidade ao alfajor deixado no criado-mudo, à presilha com pedrinhas brilhantes comprada em uma esquina na feira de San Telmo, ao cd do músico vagabundo gritando uma canção de amor sem rimas no meio da rua, ao quadro mal pintado de uma antiga ponte da província de Buenos Aires. Tantos apelos sem resposta. Tentativas fracassadas que não podem ser ignoradas. Não dá mais para mentir ou esconder. A mulher de cabelos claros, olhos vazios, rosto enigmático e escassas palavras se vira de lado e embarca de novo em um sono tranquilo. Deve durar uns quinze ou vinte minutos. De uma coisa parece ter certeza: Hugo não é o homem de sua vida. E eu não posso mais fingir que isso vai mudar, preciso admitir que perdi. No nosso jogo, a vitória é de Leonor. Ou de nenhum de nós.

Levanto em um pulo daquela cadeira dura, quero mais espaço para respirar. Ando pela sala de um lado para outro. Faço barulho com os pés, penso em chacoalhar seu corpo e cobrar de volta tudo o que lhe dei. Penso se desperdicei três anos. Quero fazer um escândalo. Tentar conversar não adianta, sempre que falo alguma coisa ela desconversa. Às vezes nem isso, simplesmente faz ar de descaso, insinuando que preferia estar em qualquer outra parte do planeta. Pergunto-me se há outro homem, se é algum professor de um de seus cursos fúteis, alguém mais cheio de vida, másculo ao extremo ou que pelo menos fale castelhano como idioma nativo. Nada. Não vejo nenhum indício da existência de outra pessoa — Leonor continua sozinha, deitada na cama do quarto apertado, enrolada em um cobertor azul, a milhares e milhares de quilômetros de mim.

Eu já estive do outro lado, do lado de Leonor, mas isso a gente esquece logo. Com ela, tenho aquela permanente sensação, doída, de quando se toca a mão de alguém e se sente que a primeira reação da outra pessoa é retirá-la, mesmo que não o faça por completo. Um pe-

queno sentimento de repulsa que Leonor repete à exaustão. Todos os dias eu tenho a impressão de que veio alguém até mim e, sem motivo, desferiu um tapa no meio da minha cara. Não há como reagir. Não há nada que se possa fazer contra o desalento que bate quando se conta o dia para alguém e esse alguém acompanha a história em planos gerais, não nos detalhes, às vezes olhando para o lado, como se a janela, da qual se pode ver apenas uma árvore, escondesse um enigma bem mais instigante. Eu tentei, por um longo tempo, dizer a mim mesmo que era possível viver sem isso, sem a reciprocidade, sem despertar encanto. Para Leonor, sou um porto seguro, um mistério há tempos desvendado. Descomplicado, confortavelmente cálido, só que sem surpresas, sem aquele suspiro que parece tirar nossos últimos segundos de oxigênio e sem aquela sensação de coração acelerado. É muito pouco.

Está frio lá fora. Mesmo assim, abro a janela da cozinha. Pequenas picuinhas para acordá-la de propósito do seu sono de ferro, como xícaras que pousam pesadas na mesa um tanto bamba. O dia está nublado, porém a chuva parece sem ânimo para cair. O vento despenteia ainda mais o meu cabelo e tenho a ideia de, pela última vez, tentar arrancar algum sinal dela. Preciso que saiba, com toda a certeza, o que sinto. Amor ou apego, qual a diferença? Há tempos percebi que o fim está próximo, e hoje é o dia da verdade. “O que você está fazendo em Buenos Aires mesmo?”, perguntou-me meu pai um dia desses. Fiquei sem resposta. Leonor não pareceu ser o motivo adequado. Não há razão aparente para continuar aqui, vivendo desse jeito, com o ar me faltando neste pequeno apartamento em San Telmo — escolhido por ela, pago por mim —, onde fica cada dia mais evidente que tomar uma decisão impensada, no calor da hora, não seria a melhor opção. Pergunto-me se não é mais sensato voltar para as pranchetas de projeto e começar a planejar do zero, em pequenos rabiscos a lápis, minha vida amorosa.

Olho ao redor e vejo os ladrilhos quadriculados que formam um desenho geométrico no desbotado chão da cozinha, o mezanino cheio de almofadas coloridas, o computador MacBook com dois anos de idade, três cadeiras inspiradas no estilo Bauhaus, livros empilhados

no chão, cds bagunçados em caixas trocadas e uma estante ridiculamente vermelha com detalhes amarelos que resgatamos da rua. Achamos cafona, mas aquele era um tempo em que bastava uma troca de olhares para concordarmos em aproveitar o móvel gratuito e gastarmos o dinheiro economizado em garrafas de vinho. Hoje, a estante de mau gosto, mais do que uma peça destoante na decoração, é um símbolo de que algo está errado, não se encaixa. Toda a nossa relação poderia ser resumida nessa peça inadequada da mobília.

Penso de repente em jogar um travesseiro para que ela acorde — às vezes acho que Leonor tem a doença do sono. Como é que consegue dormir tanto? Quero resolver isso logo. Subir na mesa da cozinha, quebrar os poucos pratos e copos que temos, perguntar de uma vez, aos gritos: afinal, o que você quer de mim? Visualizar essa cena me dá certa satisfação, no entanto, tudo o que consigo é começar a fazer o café. Vou batendo as portas do armário e da geladeira enquanto retiro a manteiga, o pão, a geleia e o mel. Penso no que posso propor como roteiro neste domingo. Um passeio definitivo, pelos melhores lugares de San Telmo, aqueles pequenos cantos especiais que nos fizeram escolher morar aqui, apesar dos protestos dos meus amigos de São Paulo, que tentavam nos prevenir sobre os perigos do bairro. Até agora, nada aconteceu. Os loucos da região são como eu. Os mendigos perderam-se de amor e hoje vagam declamando poemas desconexos. Escrevem em pequenos pedaços de embrulho de pão e depois deixam suas obras-primas esquecidas pelas esquinas, bêbados de saudade de paixões reais ou imaginárias. Seus bens se resumem a lápis curtos e bitucas de cigarro. Outro dia, um artista de rua veio em minha direção gritando: “Amor da minha vida”, “amor da minha vida”, “amor da minha vida.” Quando chegou bem perto, me disse, em voz baixa: “Eu tenho nojo de você.” Ele tinha olhos azuis e cara de advogado. Amara tanto que não sabia mais o endereço de casa. Fiquei com medo de ficar igual a ele. Naqueles segundos, éramos irmãos, nos entendíamos. Quando viu que eu queria sair dali, agarrou meu braço, gentilmente. Falou apenas: “Não vá.” Desvencilhei-me o mais rápido que pude e corri para casa.

Decido que não há nada melhor, perto do fim, do que uma volta ao começo. Uma visita aos meus lugares preferidos: primeiro passar no *kiosco* da Maria para um alfajor Cachafaz de chocolate negro, depois um passeio pelas lojas de lustres antigos e, finalmente, uma parada na Cine Si para adicionar mais um DVD às pilhas verticais que se avolumam a partir de pequenas prateleiras de ferro que instalei na parede — um dia desses Leonor notou, com anos de atraso, que estão um pouco tortas. No fim da manhã, nos acotovelaremos com os turistas para achar um lugarzinho entre a pequena multidão que se reúne em frente à igreja para ouvir a orquestra El Afronte pelo tempo que quisermos. A gente deixa vinte pesos na canequinha.

A cafeteira começa a soltar fumaça. Corro para desligar o fogo. O som quase inaudível e o cheiro de café fresco acordam Leonor. Ela olha para mim e logo desvia os olhos. Amassa o rosto contra o traverseiro por uns momentos, eu digo que já são quase nove e meia. Ela então se levanta e corre para o banheiro, batendo a porta atrás de si. Não fala nada. Nem olha na minha cara.

“Bom dia”, penso, acho que até resmungo sozinho em voz alta. De mau humor, começo a falar com a porta do banheiro. Digo que estava com vontade de comprar *Memórias*, de Woody Allen.

— Por quê? — pergunta ela, com entonação portenha.

Ultimamente, meio que para acentuar a distância entre nós, Leonor pegou a mania de responder em espanhol toda vez que falo em português com ela.

— Porque não tenho — respondo.

— Ah, *sí* — comenta, baixinho, no banheiro.

Fico em silêncio. Do lado de fora, percebo que ela se atrapalha com os cremes e as escovas de dentes na nossa minúscula pia e deruba tudo no chão. Pergunto se está bem. Fico sem resposta. Quando Leonor sai, tomamos café (o dela puro, o meu com leite) sentados nas cadeiras de armar, segurando as canecas na mão e equilibrando no colo os pratinhos com torrada, como fizemos milhares de vezes. Eu olho para Leonor e ela olha para a parede, como se um filme antigo estivesse sendo projetado ali.



— *Gris* — diz ela, referindo-se ao céu cinza.

Não sei o que responder, fico quieto, mordo outro pedaço do meu pão tostado com geleia de framboesa com um sabor um tanto passado. Estava na geladeira havia tempo demais. Resume bem o gosto que não consigo tirar da boca ultimamente. Logo depois levantamos e, em silêncio, lavamos xícaras e pratos na apertada pia da cozinha sem que nossas mãos jamais se toquem.

Leonor cantarola uma canção que anda tocando no rádio enquanto se serve de mais café. Os espanholismos dela me divertem e acendem o que há de mais crítico e perverso em mim. Ela pronuncia as palavras erradamente, fala portunhol o tempo todo sem perceber. A imersão que ela pensa ter feito na cultura portenha não parece estar dando muito resultado. Gaba-se ao telefone para as amigas brasileiras de ter pai argentino, entretanto até os taxistas têm dificuldade para entender o que ela fala. Passa os dias apontando o que quer na padaria, na quitanda, no supermercado. O pai de Leonor, Ernesto Reyes, é um intelectual razoavelmente respeitado nos círculos universitários, embora seus detratores, com os quais simpatizo, o classifiquem como um acadêmico de obra incrivelmente extensa que parece dizer muito pouco em uma quantidade enorme de palavras. Professor aposentado, ainda se dedica às teorias de estruturas de classe na Argentina, ignorando que todo mundo já foi nivelado por baixo há tempos. Li alguns de seus textos, mas nunca consegui me interessar por eles de verdade. É um intelectual cultuado pelos incansáveis membros de uma pequena claqué. São poucos fãs, mas fervorosos o suficiente para fazer algum barulho. Dependendo do orientador da dissertação, pega bem citá-lo em trabalhos acadêmicos. É como ler Michel Foucault. Ninguém entende muita coisa — e quando alguém pensa que entende, geralmente está equivocado —, ainda que se dizer estudioso de Foucault, ter crescido dissecando seus textos, arranque elogios dos coleguinhas.

Leonor, desesperada para se aproximar do pai, tenta se passar por interessada pelo mundo da filosofia política. Toda vez que abre a boca mais parece uma adolescente tentando provar sua inteligência

ao mundo porque leu *O Pequeno Príncipe*. Ou pode ser apenas a minha dor de cotovelo falando. Talvez ela não seja tão ridícula assim. Talvez ser ignorado tenha me tornado um espectador pouco parcial de seus esforços. Talvez eu tenha inveja da adoração que ela direciona ao pai. Talvez ele esteja mais atento a ela do que faz parecer. Talvez haja um pouco de verdade e um pouco de mentira em tudo o que me passa pela cabeça agora. Talvez eu a ache meio burra e esteja obcecado por ela mesmo assim. Tento não pensar demais. Sacudo a cabeça, levanto-me rapidamente, apanho o casaco e anuncio que estou de saída.

— Você vem ou não vem?

Ela escolhe um casaco surrado que está na arara, o mesmo de ontem, abotoa todos os botões e levanta a gola para não ficar com as orelhas frias. Diz que não precisa de luvas, está bem, podemos ir.

Caminhar pelas ruas de San Telmo foi um dos meus maiores prazeres nesses últimos três anos. Comprar o *El Clarín* na banca da esquina e andar com o jornal embaixo do braço até cansar. Sentar em um banco numa praça qualquer e ler as notícias rapidamente, deixando os cadernos se empilharem de forma displicente no colo. E sempre, sempre fazer as palavras cruzadas. Com Leonor ao meu lado. Há alguns meses, porém, abandonamos esse ritual. E retomá-lo, hoje, seria um esforço inútil para alcançar um trem que já partiu da estação. Faz meses que assinei o jornal no tablet, assim posso lê-lo em silêncio, sem que ela me venha com perguntas tolas sobre as notícias ou tente me apressar dizendo coisas como “Quem lê tanto hoje em dia?”. Olhamos os produtos da feirinha espalhados pelo chão das ruas burocraticamente. Enquanto eu namoro os lustres na rua das decorações, Leonor acende um cigarro. Na loja coletiva de design, em que diferentes artistas tentam, nem sempre com sucesso, descobrir uma nova função para objetos corriqueiros, o sistema de som está tocando uma versão em espanhol de “O tempo não para”, de Cazusa. Eu sempre gostei especialmente do verso “eu vejo o futuro repetir o passado”. Acho que disse isso a ela uma vez. Não sou fã de nenhuma música em particular, e sim de pequenos trechos especiais. Olhei para Leonor durante o

refrão, buscando aquela comunicação sem palavras de antigamente, mas não encontrei nada. Exceto um pouco de irritação, uma sensação de tédio e de vontade de sair dali.

A expressão de Leonor não foi modificada nem pela vendedora de botões, que sobrevive do espólio do armário do pai morto há mais de vinte anos. Na solução de uma briga de família que se estendeu por décadas, ela fizera questão de ficar com o estoque de aviamentos dos anos 1960 e 70. A mulher, já sessentona, vive de resgatar a memória paterna — se estivesse vivo, ele teria hoje uns cem anos. Resolvo levar um pouco de história para casa, compro uns botões transparentes grandes, cor de âmbar. Não sei se um dia vou usá-los, não vejo função para botões fora de peças de roupa, mas não me importo. Leonor sai de seu quase permanente estado de transe para questionar a utilidade da compra. Eu digo que quero fazer parte daquela família de alguma forma; ela me olha como se eu tivesse dez cabeças e vivesse em Marte. Penso em iniciar uma briga ao falar sobre o punhado de coisas inúteis que ela não para de levar para casa. Acabo desistindo, acho que já passamos dessa fase. Não tenho mais forças para discutir, então pego o meu saquinho pardo e agradeço pelos botões.

— Podem ficar bonitos em um casaco azul — digo para a vendedora, que se apressa em concordar comigo.

Ela me agradece efusivamente e me oferece um brinde. Eu não sei o que escolher, por isso recuso. Faço questão de levar comigo a notinha antiga, só porque gostei da impressão em letras cifradas no papel-jornal.

É incrível que, apesar do vento frio de junho, as ruas estejam tão cheias. Feriado no Brasil, ruas lotadas de gente falando português sempre um pouco mais alto do que o necessário, comprando quinquilharias em que se lê “Argentina”, “Boca Juniors” ou “Quilmes”, como se isso fosse a coisa mais original do mundo. Viajantes de souvenir. Leonor odeia os turistas. Gosta de agir e acreditar que é uma local. Um dia estava de mau humor e fui obrigado a lembrar-lhe que ela nascera em Rio Preto, onde os erros são mais acentuados.

— É, mas eu me sinto daqui — disse.

— E eu sou de Frutal e me considero de Berlim — respondi.

Costumo ganhar esse tipo de discussão, só que me sinto mal em seguida. De qualquer forma, ao contrário de Leonor, creio ter uma espécie de cumplicidade com os turistas. Ou minha conexão, na verdade, é com a cidade. Andando na direção contrária à deles, o que parece ser sempre o caso, tenho vontade de pará-los e perguntar:

— Ela não é linda?

Linda não é bem a palavra certa. Se Paris é uma mulher alta e magra, vestida nas melhores roupas, porém intragável e inatingível, Buenos Aires é uma italiana, já meio matrona e com alguns fios de cabelo grisalhos, um tanto parruda, maltratada pelo tempo e por amantes, porém ainda capaz de, sob a luz certa, seduzir um rapazinho desavisado. Ou quem sabe Buenos Aires seja Mrs. Robinson. É isso, Buenos Aires é Anne Bancroft por volta de 1967. Acho que desvendei o mistério. Tenho vontade de dizer isso a Leonor, mas acho que ela não vai entender. Ou melhor: entender vai, só não vai se importar. Será que ela sempre foi assim?

Andando por horas, com aquele saquinho de papel com botões cada vez mais amassado na mão, percebo que Leonor ficara, ao longo do dia, mais distante. Tento me aproximar em alguns momentos, sem sucesso. Ela sempre arranja um jeito de estar à minha frente ou atrás de mim. Parece nunca se interessar pelas coisas. Não conseguimos tomar café porque não concordamos a respeito de um lugar — o que eu sugeria era sempre cheio demais, os turistas falavam alto no outro, não gostava da variedade servida no estabelecimento seguinte. De repente, me dou conta de que Leonor ficou parada em uma esquina a, no mínimo, cinquenta metros, completamente entredida com o nada, desvendando, decerto, a história dos paralelepípedos da rua. Espero uns dois minutos para ver se ela se move ou se, pelo menos, me procura com os olhos por alguns segundos. Ando um pouco, olho para trás e constato que ela permanece no mesmo lugar, com a mesma expressão. Paro em plena rua, o tempo congela. Quase grito seu nome, mas desisto ao abrir a boca. Algo me silencia.

O dia ainda está claro, embora as lâmpadas dos postes já tenham sido acesas automaticamente. De certa forma, a cidade entende minha escuridão. Nunca tinha notado que, no fim da área hoje tomada pelos pedestres, há uma imensa fileira de árvores. Elas formam um arco de folhas sobre a rua. As luzes amareladas combinam com as folhas um tanto desbotadas de fim de outono. Boa parte delas já caiu, o chão está coberto de tons laranja, vermelho e ocre. Em pouco tempo, serão árvores nuas. Fico paralisado por essa paisagem, não sei por quanto tempo. As pessoas passam por mim, às vezes esbarram de leve, mas só penso na mão de Leonor pousando sobre o meu ombro, ela me dizendo que é hora de ir para casa, ou que é hora de fazermos uma refeição decente. Mas isso não acontece.

Penso em procurar Leonor mais uma vez, mas chega a hora de aceitar que não vai adiantar. Resisto e não olho para trás. Não quero mais vê-la, não quero mais nada. O cinza do céu deixa as luzes amarelas da rua ainda mais brilhantes. É melhor não tentar olhar as estrelas nem esperar que uma força cósmica me diga algo. Há um único caminho a seguir. A noite cai, o cheiro de vinho quente toma conta do ar e me embrulha o estômago. Um músico de rua afina a sua guitarra, fazendo um som estridente. Preciso caminhar, meu cérebro está quase vazio, sem nenhum pensamento. Todo o esforço concentrado em dar um passo depois do outro. À medida que sigo adiante, os sons e cheiros se dissipam. Em algum momento, desaparecem por completo e dão lugar a um silêncio que nem o vaivém de carros das avenidas de Buenos Aires consegue quebrar. É preciso ir em frente, ficar longe de San Telmo. Por quilômetros, prossigo em linha reta, tentando descobrir onde as fileiras de árvores acabam. Meus passos firmes cruzam avenidas, monumentos e bairros pouco seguros. Mantenho os braços cruzados para amansar o frio. Não sei para onde estou indo e não sinto nada. Para ter certeza de que estou vivo, pressiono o pacote de botões âmbar com toda a força contra o peito.

» SE VOCÊ JÁ  
AMOU DE MAIS,  
» SE ACREDITA  
QUE TODO AMOR  
VALE A PENA,  
» ESTE LIVRO  
É PARA VOCÊ.

ISBN 978-85-8057-917-8



9 788580 579178

WWW.INTRINSECA.COM.BR